

SESSÃO TEMÁTICA 4 – O PAPEL DO PATRIMÔNIO MODERNO NA CIDADE CONTEMPORÂNEA

EDIFÍCIO DO IPASE, EM NATAL/RN: O “MAIS MODERNO DA CIDADE”, EM 1955

- (1) PEREIRA, Marizo Vitor; (2) NOBRE, Paulo José Lisboa; (3) FURUKAVA, Camila;
(4) OLIVEIRA, Aquiles Alberto Ramos de Pina.

- (1) Arquiteto, Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – PPGAU/UFRN e Professor de Projeto Arquitetônico do Departamento de Arquitetura da UFRN.
Caixa Postal 1577 – Natal/RN, CEP. 59078-970. (084) 8703.0869
marizovitor@yahoo.com.br
- (2) Arquiteto, Mestre em Arquitetura pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – PPGAU/UFRN, Professor de Paisagismo do Departamento de Arquitetura da UFRN e Doutorando pelo PPGAU/UFRN.
Rua Aníbal Correia, 3273 – Candelária, Natal/RN, CEP. 59064-340. (084) 9986.1277
paulonobre@ufrnet.br
- (3) Aluna de graduação do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
Caixa Postal 1577 – Natal/RN, CEP. 59078-970. (084) 8805.3059
camilafurukava@yahoo.com.br
- (4) Aluno de graduação do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
Caixa Postal 1577 – Natal/RN, CEP. 59078-970. (084) 8808.4138
aquilescv@gmail.com

EDIFÍCIO DO IPASE, EM NATAL/RN: O “MAIS MODERNO DA CIDADE”, EM 1955

RESUMO

O Plano de modernização da cidade do Natal tem início nos primeiros anos do século XX. Em 1929, chegou à cidade o arquiteto italiano Giacomo Palumbo, para a execução do que George Dantas (1998) considerou o marco do “segundo momento-chave” das intervenções urbanísticas na cidade; culminando com a execução e implementação parcial desse plano, pelo escritório Saturnino de Brito, nos anos 30. Introdutor da estética moderna em Natal (SEABRA DE MELO, 2004), fez surgir propostas arquitetônicas de edifícios relacionados com o funcionamento do saneamento e com as necessidades da cidade, embora o Edifício Sede da Repartição de Saneamento tenha sido um dos poucos que saíram do papel. Após as inserções precursoras da arquitetura moderna, os anos cinqüenta – continua Seabra de Melo - viram, finalmente, a chegada em Natal da arquitetura moderna, nos projetos de linhas arrojadas, geométricas, com as fachadas desprovidas de ornamentos, caracterizando a estética e a tectônica racionalista [através de projetos oriundos do Recife e Rio de Janeiro]. O edifício estudado neste artigo se situa na Esplanada Silva Jardim, bairro da Ribeira, na cidade do Natal/RN, hoje sendo conhecido como Edifício Café Filho. Foi projetado pelo arquiteto carioca Raphael Galvão Júnior, filho do também arquiteto Raphael Galvão, tendo sido inaugurado em 1955, pelo presidente da República João Café Filho. Quase que totalmente ausente da relação dos edifícios destacados pelos estudiosos da arquitetura moderna local, além de ter sido o primeiro edifício em altura da cidade, à época de sua construção – também tendo sido considerado o mais moderno; ele se ergue majestoso em oito pavimentos, mostrando nítida influência da Escola Carioca. Este artigo pretende enfatizar o devido valor arquitetônico inerente a esse projeto, principalmente enquanto proposta de arquitetura moderna e, sua inserção no meio urbano, centro nervoso da cidade, à época. Ao mesmo tempo, pretende resgatar seu merecido lugar na seleção dos ícones da produção local, reiterando a importância das instituições públicas na divulgação da arquitetura moderna, por todo o país.

PALAVRAS-CHAVE: Modernização. Arquitetura Moderna. Natal.

ABSTRACT

The modernization plan of Natal, Brazil, began in the first years of twentieth century. In 1929, the arrived of Italian architect Giacomo Palumbo in Natal highlights the second key moment of urban planning interventions, as defined by George Dantas (1998). This period characterizes the execution and partial plan implementation by Saturnino de Brito firm, in the 30's. The architect introduced the modern aesthetics (SEABRA DE MELO, 2004), inducing architectural proposals related with sanitation and with local needs, although few of them was built, including the headquarter building of Sanitation Division. After precursor introductions in the 50's, the modern architecture established with bold geometric design and with facades without ornaments, characterizing the rational aesthetic and tectonic (influenced by architectural plans from Rio de Janeiro and Recife). The building assessed in this paper is the Café Filho, located in Ribeira area, designed by Raphael Galvão and inaugurated in 1955 (by the Brazilian president Café Filho). The building has eight levels and was the highest and the most advanced technologically when built. Now it raises imponently, clearly demonstrating the influence of Rio de Janeiro trends, although the building has not been highlighted by researchers of local modern architecture. This paper intends to emphasize the qualities of the architectural project, assuming it as a modernist proposal, and considering the urban area as the central business at the time. The paper also aims to recognize it as an icon of local architectural production, and stating the importance of public institution to divulgate the modern architecture around the country.

KEY WORDS: Modernization. Modern Architecture. Natal.

EDIFÍCIO DO IPASE, EM NATAL/RN: O “MAIS MODERNO DA CIDADE”, EM 1955

INTRODUÇÃO

A cidade do Natal/RN, nos anos 1950, depois de atravessar meio século produzindo uma arquitetura impregnada de saudosismo histórico, seria introduzida, definitivamente, na modernidade arquitetônica. A prática da arquitetura moderna na década de 50 viria a se consagrar como período de disseminação das idéias modernistas. De fato, assegura Seabra de Melo (2004), os anos cinqüenta viram, finalmente, a chegada em Natal da arquitetura moderna. Nos projetos de linhas arrojadas, geométricas, com as fachadas desprovidas de ornamentos que caracterizam a estética e a tectônica racionalista. Assinados por profissionais que se firmaram como formadores e representantes do estilo moderno potiguar, a exemplo do arquiteto carioca Raphael Galvão Júnior; de Agnaldo Muniz, desenhista local; e do arquiteto potiguar Raimundo Gomes.

O Edifício do Instituto de Pensão e Aposentadoria dos Servidores do Estado - IPASE (atual Edifício Presidente Café Filho), destacado como objeto deste trabalho por suas características arquitetônicas, pela importância que representou para a cidade à época de sua construção (início dos anos 1950) e por sua herança vinculada à Escola Carioca, se insere na relação de edificações mais representativas da produção da arquitetura moderna, em Natal/RN. No entanto, poucas vezes, ou mesmo raras vezes, esse edifício é visto integrando a referida relação, como se apenas fosse mais um, em meio a tantas edificações implantadas no bairro da Ribeira. Mais um edifício público entregue às ações do tempo, à espera de alguma reforma ou mesmo do martelo que venha colocá-lo no chão, como sucedeu a tantos exemplares da arquitetura moderna por todo o mundo. Ou ainda, à espera de uma substituição pelo novo, visto sempre, segundo a mentalidade local, como o melhor para a cidade¹.

A edificação em questão registra a segunda experiência de arquitetura moderna implantada em Natal, considerando-se a primeira o Edifício Sede da Repartição de Saneamento, em 1938, projeto do escritório Saturnino de Brito, construção em dois pavimentos, exibindo em suas fachadas influências de Walter Gropius e Le Corbusier.

O edifício do IPASE se constitui, inegavelmente, patrimônio da arquitetura moderna em Natal. Atualmente, entretanto, se encontra ameaçado, pelo descaso a que foi entregue, além de várias re (de) formas realizadas, acarretando descaracterização da proposta original. As razões são

¹ . Enquanto este artigo está sendo redigido, a cidade tem os dias contados para perder mais um ícone da arquitetura moderna. Trata-se do Estádio Machado, projeto do arquiteto potiguar Moacyr Gomes, inaugurado em 1972. Em seu lugar está anunciada a construção de um complexo de multiuso, contendo bosque, hotéis, teatro, estacionamentos subterrâneos, prédios comerciais, shopping center e os centros administrativos do governo do Estado e da Prefeitura de Natal. Mega-projeto concebido por ocasião da copa do mundo de 2014, cujo conteúdo é ainda desconhecido da população e dos profissionais de arquitetura da cidade. Apenas veiculado na mídia através de uma maquete eletrônica.

recorrentes. Suas funções originais evoluíram substancialmente ou as inovações técnicas que as apoiavam precisaram ser revistas. Em nome de um funcionalismo destrutivo, esquadrias, revestimentos e pisos foram substituídos, realizados acréscimos e implantada agência do INSS no pavimento térreo, totalmente estranhos à proposta original.

O presente trabalho se desenvolveu a partir de leituras levantadas em livros, trabalhos acadêmicos, jornais locais e fotos antigas, bem como através de visita *in loco*; considerou-se, também, a importância de entrevistas assistemáticas com alguns profissionais locais, atuantes nos anos 1950, e de plantas do edifício do IPASE, disponibilizadas pela gerência de construção do INSS, em Natal – apesar da impossibilidade de acesso ao projeto original, cujo conteúdo nos foi passado através de cópias.

Este artigo pretende, antes de mais nada, divulgar a proposta arquitetônica do Edifício Presidente Café Filho, como forma de chamar a atenção para o devido valor arquitetônico inerente a esse projeto, principalmente enquanto proposta de arquitetura moderna. Ao mesmo tempo, reforçar a influência da Escola Carioca como matriz de concepção dessa proposta. Com base nesse reconhecimento, conduzi-lo ao seu lugar de direito na seleção da produção local e, ao mesmo tempo, salientar a importância das instituições públicas como agentes de divulgação da arquitetura moderna, por todo o país.

ARQUITETURA MODERNA NO BRASIL

A história da arquitetura moderna brasileira nasce, principalmente, com a concepção do Edifício do Ministério da Educação e Saúde em 1936, consagrado definitivamente como ícone; ao mesmo tempo, surge a Escola Carioca, enquanto expressão de identidade, nesse universo, cujas características foram disseminadas pelo país, de norte a sul; de forma especial no Nordeste, com a chegada de ex-alunos da Escola Nacional de Belas-Artes.

GOVERNO VARGAS: EDIFÍCIOS PÚBLICOS COMO AGENTES DE DIVULGAÇÃO DA ARQUITETURA MODERNA – Em 25 de julho de 1934, em plena era Vargas, Gustavo Capanema assumiu o Ministério da Educação, no período de 1934 a 1945, em meio a diversas transformações pelas quais o Brasil passava: industrialização, urbanização, crescimento da classe média, surgimento do proletariado e o nascimento de uma incipiente cultura de massa, etc. Foi marcante a presença de intelectuais famosos junto ao ministro, como consultores, formuladores de projetos, defensores de propostas educativas ou autores de programas de governo. Quando assume o governo, Getúlio Vargas procura unir o país em torno do poder central, retirando as forças das oligarquias estaduais. O aparelho de Estado se amplia com a criação de diversas instituições, inclusive culturais, espalhadas por todo o país, permitindo maior centralização em torno do poder executivo federal. A educação e a cultura assumem, nesse contexto, um lugar de destaque, na tentativa de reunir a dispersa população brasileira em torno de idéias comuns. Para

elaborar essa imagem o Estado precisa contar com os intelectuais e artistas, conhecedores de nossas manifestações culturais, bem como definir lugares para que isso aconteça. O exemplo maior é a criação do Ministério da Educação e Saúde, que participa ativamente do cenário cultural brasileiro.

Foi também nessa época que se definiu uma política de preservação do patrimônio cultural do país, que culminou na criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN, a criação do Instituto Nacional do Livro e a construção do edifício-sede do Ministério da Educação no Rio de Janeiro, marco da moderna arquitetura brasileira.

A Era Vargas apresentou um perfil acentuadamente nacionalista, estimulando o crescimento industrial em substituição ao modelo agro-exportador. A criação do Ministério de Educação e Saúde Pública, do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, a oportunidade de mudanças na ENBA, e a adoção da arquitetura moderna, em prédios públicos, são exemplos que parecem suficientes para apontar para um projeto cultural e um direcionamento progressista.

No início do Século XX, em especial nas décadas de 1930 e 1940, o Rio de Janeiro se constituiu como pólo principal da construção da cultura do Estado nacional. A arquitetura, nesse contexto, foi utilizada para documentar a grandiosidade do poder. Com este intuito, na cidade foram construídos, durante os anos de 1930, vários edifícios públicos como: o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio e o Ministério da Fazenda, na Esplanada do Castelo; o Ministério da Guerra e a Central do Brasil, na região da Central do Brasil.

A construção do Edifício do IPASE, em Natal, na década de 1950, reflete as iniciativas do governo Vargas. A burocracia federal seguia encomendando numerosos edifícios institucionais em vários estados. Criado em 1938, o instituto tinha por objetivo, entre outros, a realização de diversas operações de seguro privado como capitalização, financiamento para aquisição de casas, empréstimos e ainda outras formas de assistência econômica.

ESCOLA CARIOCA: UMA IDENTIDADE – Movimento liderado por Lúcio Costa no Rio de Janeiro, que vai da década de 30 até os idos da construção de Brasília, nos meados dos anos 50, chamado pelos críticos e estudiosos europeus e norte-americanos de *Brazilian School*, *Cariocan School*, *First National Style in Modern Architecture* e que é conhecido pela historiografia brasileira como Escola Carioca. Sobre esse movimento, Lúcio Costa descreveu como:

“um conjunto de profissionais interessados na renovação da técnica e da expressão arquitetônicas, constituindo-se de 1931 a 1935, pequeno reduto purista consagrado ao estudo apaixonado, não somente das realizações de Gropius e de Mies van der Rohe, mas principalmente, da doutrina e obra de Le Corbusier, encaradas já então, não mais como um exemplo entre tantos outros, mas como Livro Sagrado da Arquitetura”. (COSTA, 1962, p. 33.)

A Escola Carioca - mais do que um movimento de arquitetura moderna brasileira ao utilizar o vocabulário de Le Corbusier, o transforma em estilo brasileiro - era, também, um movimento uníssono, de autoconsciência da mudança necessária, de um novo modelo de arquitetura mais voltada para o espírito novo brasileiro dos anos 30.

Seu caráter foi construído através da reunião dos elementos de arquitetura e de composição identificados nos seus mais importantes projetos, como os *brises-soleil*, o elemento vazado, os pilares de seção circular, além dos elementos corbusierianos de composição cúbica e prismática. É assim que o ***brise-soleil*** no Brasil, criado pelos modernistas cariocas, tinha o sentido de proteger as fachadas e o edifício da intensa quantidade de sol dos trópicos e não como mais um dos elementos modernos estéticos; o ***pilotis***, outro elemento moderno da arquitetura no Brasil, foi usado para que houvesse transparência no percorrer do terreno, e sombra e proteção, e não apenas como elemento de vislumbre; o **uso maciço do concreto armado**, com inteligência e criatividade, moldando-o às necessidades funcionais e não apenas como morfologia projetual.

A influência da Escola Carioca se fez visível em várias partes do Brasil, em obras de destaque nas principais cidades do país. A disseminação dessa linguagem deu-se, boa parte, pela participação de profissionais do Rio de Janeiro ou daqueles que se formaram na Escola de Belas Artes, depois Faculdade Nacional de Arquitetura, da Universidade do Brasil².

A produção da Escola Carioca começa a se tornar expressiva, a partir da concepção e construção do edifício do Ministério da Educação e Saúde (1936/1943). Um grande prisma sobre *pilotis* preside o conjunto de volumes articulados, desenvolvendo-se na vertical e implantado no centro do terreno. Na fachada que recebia menos insolação aplicou-se um pano de vidro assente sobre caixilhos. A fachada oposta, em virtude da intensidade da insolação recebeu *brises* horizontais, necessariamente móveis. Resultando daí um vigoroso efeito plástico, caracterizadamente leve e dinâmico. Como afirma Bruand (1991), com um senso de proporções dignos do classicismo estrito. Quanto à composição, em seus momentos posteriores, assim se expressa o referido autor:

“[...] sucessão de oposições no tratamento dos volumes das fachadas e dos detalhes. A implantação no centro do terreno e a verticalidade do bloco principal contrastavam com a localização lateral e a horizontalidade do bloco anexo; aos panos de vidro da fachada sul corresponde o dinamismo dos brise-soleil móveis da fachada norte; a curvatura da face principal do salão de conferências e as formas soltas dos volumes da cobertura contrastam com a ortogonalidade geral etc”.(BRUAND, 1991)

Foram utilizados materiais de revestimento encontrados nas proximidades (granitos), além dos azulejos. Ao mesmo tempo em que são aplicados os princípios definidores da Arquitetura

² Extraído do artigo de Ângelo Marcos Arruda sobre a arquitetura moderna em Mato Grosso, publicado no portal Vitruvius sob o título: **A popularização dos elementos da casa moderna em Campo Grande, Mato Grosso do Sul**, março/2004.

Moderna de Le Corbusier, são antecipadas, de certa forma, as características pelas quais seriam identificados posteriormente os trabalhos da chamada Escola Carioca

INFLUÊNCIA DA ESCOLA CARIOCA NO NORDESTE - Basicamente se concentra na figura de Acácio Gil Borsoi e seu papel de divulgador da arquitetura moderna praticada sob os princípios da Escola Carioca. A ida de arquitetos formados pela Escola Nacional de Belas-Artes do Rio de Janeiro para cidades como Recife e Salvador estimulou a difusão do repertório da arquitetura moderna, a partir dos anos 30. Em Recife, vai aparecer a figura de Luís Nunes, discípulo de Lúcio Costa, que permanece de 1934 a 1937, deixando alguns projetos – verdadeiras referências – construídos para a iniciativa pública. Em Salvador destacam-se as figuras de Paulo Antunes Ribeiro – década de 40 – e José Bina Fonyat, na década de 50. Nas décadas de 1920-1930 chegavam também à capital paraibana os primeiros arquitetos com idéias modernistas, dentre eles destacam-se: Pascoal Fiorilo, Olavo Freire, Clodoaldo Gouveia, Hermenegildo Di Lásccio, alguns deles formados pelas Belas Artes do Rio de Janeiro. A nova linguagem arquitetônica adotada sofria influência do modernismo europeu, em especial de Le Corbusier, e seguia os exemplos das obras realizadas no Rio de Janeiro por Lúcio Costa, Afonso Reidy, Carlos Leão, M. M. Roberto, entre outros e em Brasília quando a obra de Niemeyer exerceu grande influência sobre a produção moderna local. Além dos profissionais formados pela ENBA que posteriormente se deslocaram para os vários estados do Nordeste, convém considerar outra forma de divulgação da Escola Carioca de arquitetura moderna: são os projetos elaborados por arquitetos cariocas, em sua cidade de origem, executados nos estados nordestinos.

NATAL: PRIMEIROS EXERCÍCIOS DE ARQUITETURA MODERNA – O Plano de modernização da cidade do Natal tem início nos primeiros anos do século XX, com a implementação da expansão ordenada da cidade, prosseguindo nas décadas de 1910 e 1920. Em 1929, chegou à cidade o arquiteto italiano Giacomo Palumbo, para a execução do que George Dantas (1998) considerou o marco do “segundo momento-chave” das intervenções urbanísticas na cidade; culminando com a execução e implementação parcial desse plano³, pelo escritório Saturnino de Brito, na segunda metade dos anos 30, considerado introdutor da estética moderna em Natal (SEABRA DE MELO, 2004). Os anseios da elite local foram ouvidos, fazendo surgir propostas arquitetônicas de edifícios relacionados com o funcionamento do saneamento e com as necessidades da cidade, embora o Edifício Sede da Repartição de Saneamento tenha sido um dos poucos que conseguiram sair do papel. Projetado em dois pavimentos, apresentava volumetria resultante da interseção de planos e uma composição assimétrica das fachadas – acentuada pela disposição das esquadrias e dos acessos principais. Para (FERREIRA et. al.,

³ É necessário esclarecer que houve dois planos: Plano Palumbo (Plano Geral de Systematização de Natal) e o Plano Geral de Obras a cargo do Escritório de Saturnino de B.Filho.

2003b), o referido edifício representou um marco no quadro da arquitetura local da época, considerando-se que consistiu no primeiro exemplar eminentemente modernista da cidade.



FIGURA 01. EDIFÍCIO SEDE DO SANEAMENTO 1936. Fonte: CAERN, s.d.

Na visão do arquiteto potiguar João Maurício Fernandes de Miranda - referindo-se à proposta do edifício acima referido:

“[...] primeira manifestação da arquitetura contemporânea, um marco em Natal das propostas de uma arquitetura, na época como reformulação moderna. O rompimento com o ecletismo, formas variadas na decoração das fachadas. Surgia uma arquitetura pura, de vãos vasados e cheios, claros e escuros, com interseções de planos. Recebiam os arquitetos do Escritório Saturnino de Brito as influências de Le Corbusier. [...] um marco de transição da arquitetura [...]” (MIRANDA, 1981, p.78)

Hoje, entretanto, bastante desfigurado em sua proposta arquitetônica original, alvo potencial de um trabalho sério de restauração e de preservação da memória.

Na década seguinte – anos 1940 – os interesses da cidade se voltaram para a instalação da maior base americana situada em território estrangeiro, resultando em um choque populacional, tecnológico, econômico e principalmente cultural, para a cidade, com reflexos claros no desenvolvimento do bairro da Ribeira.

Após as inserções precursoras da arquitetura moderna, observa-se um hiato na produção modernista potiguar que se estende dos anos 40 até a chegada da década seguinte, afirma Seabra de Melo (2004); enquanto isso, nos anos 1950, os bairros vizinhos da Ribeira e das Rocas se transformam, recebendo melhorias no porto e tendo várias ruas calçadas com paralelepípedo, facilitando assim a circulação de bens e pessoas. Dando continuidade, como afirmou Luciano

Magnus de Araújo em 2003, a um “[...] passado de prosperidade para o bairro de pleno comércio que era a Ribeira, até meados do século XX. De comércio e de presença do poder público e administrativo.” (ARAUJO, 2003, p.107). É nesse período – continua Seabra de Melo – que aconteceu, finalmente, a chegada em Natal da arquitetura moderna, nos projetos de linhas arrojadas, geométricas, com as fachadas desprovidas de ornamentos que caracterizam a estética e a tectônica racionalista, [através de projetos produzidos por profissionais oriundos das cidades de Recife e Rio de Janeiro]⁴.

Destacam-se nesse período as obras: Edifício Presidente Café Filho ou do IPASE (1955), de autoria do arquiteto carioca Raphael Galvão Júnior; Cine Nordeste (1958) e a Sede do ABC Futebol Clube (1959), de Agnaldo Muniz, desenhista local; sede do América (1959), projetado por Delfin Amorim, arquiteto português radicado em Recife e a sede da ASSEN – Associação dos Subtenentes e Sargentos do Exército em Natal (1959), projeto do arquiteto potiguar Raimundo Gomes.



FIGURA 02. EDIFICAÇÕES DOS ANOS 1950 EM NATAL. Fonte: arquivo dos autores, 2008.

Referindo-se ao desenvolvimento da cidade, na década de 1950, e à importância da Ribeira, relatório do Escritório Saturnino de Brito, elaborado em 1952, destacava:

[...] não só em número de habitantes cresceu a cidade, mas também se requintou o tipo de edificação, conforme exemplificam os edifícios para as repartições do Ministério da Fazenda (4 andares), os da Caixa Econômica, do Banco do Brasil, do Departamento de Educação, da

⁴ “A prática da arquitetura moderna em Natal (...) ocorreu em três fases: a década de 50, período de disseminação das idéias modernistas; a década de 60, momento de consolidação e maior domínio sobre as possibilidades do léxico formal e da técnica construtiva moderna; e por fim, a década de 70, fase do brutalismo potiguar e de dispersão do ideário modernista.” (SEABRA DE MELO, 2003).

prensa João Câmara, de novos Quartéis do Exército e da Força Pública, do restaurante do [Serviço de Alimentação da Previdência Social] SAPS, do Hospital Psiquiátrico, além de numerosos postos de lavagem de automóveis, a maioria dos quais, na zona baixa [cidade baixa] (ESCRITÓRIO..., 1952, p. 3, apud. DANTAS, 2003, p.130).

A FORMAÇÃO DOS ÍCONES LOCAIS – Desenvolvido ao longo dos anos 1930, 1940 até 1970, o acervo natalense da arquitetura moderna é fortemente influenciado pelos profissionais formados pela UFPE (chamada, por alguns, escola do Recife) e pela consagrada Escola Carioca. No cenário geral destacam-se os arquitetos potiguares Ubirajara Galvão, Daniel Holanda, Marconi Grevi e Raimundo Gomes, formados pela UFPE, representantes da escola sediada no Recife; e, João Maurício Fernandes de Miranda e Moacir Gomes, formados pela Faculdade Nacional de Arquitetura, então Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro⁵. Da mesma forma que a linguagem da arquitetura moderna se instala, inicialmente, através das propostas de edifícios públicos, os anos 1970 vão presenciar, em Natal, um fenômeno semelhante. Surgem, entre esses, o Hospital Geral e Pronto Socorro - atual Walfredo Gurgel - (1971); o estádio Machadão (1972); a sede do Tribunal Regional Eleitoral – TRE – de Natal (1972), a capela do Campus Central da UFRN (1973); e, a Catedral Metropolitana de Natal (1973).

EDIFÍCIO SEDE DO IPASE

O BAIRRO DA RIBEIRA – Após a entrada do século XIX e principalmente com a chegada do século a XX a Ribeira passa a desempenhar grande importância para o Rio Grande do Norte, principalmente para Natal como um todo. A porta de entrada ou saída do Rio Grande do Norte para o mundo era a Ribeira. A vida desse bairro era sua atividade comercial exclusiva. Seu poder sobre Natal e demais localidades do Rio Grande do Norte estava delicadamente e intimamente ligado à dependência destas em relação ao seu porto e à sua estação de trem. A vida da Ribeira estava situada, principalmente, entre dois grandes logradouros: a Av. Tavares de Lira, a qual se iniciava imediatamente às portas do Cais; e a Rua Silva Jardim, a qual se iniciava junto ao Largo da Rua Chile, local onde se situava a estação de trem da Ribeira. Tudo o mais girava em torno destes dois importantíssimos pontos.

No bairro da Ribeira consolida-se a arquitetura moderna em Natal marcadamente expressa na ocupação da Av. Duque de Caxias, através da construção de edifícios públicos de linhas modernizantes, a partir da década de 1930, prolongando-se até os anos 1940 e 50 do século passado⁶. No local foram erguidos os edifícios: Edifício Varela (1938), Edifício Campiello (1938), Grande Hotel (1939), Banco do Rio Grande do Norte (1939), Edifício Bila (1944), Edifício da

⁵ Não é possível deixar de reconhecer a importância da contribuição de alguns desenhistas locais, através de seus projetos. Destacamos os exemplos de Agnaldo Muniz, Arialdo Pinho, Milfond e Rubem Campos, entre outros.

⁶ Itamar de Souza afirma que de 1937 até o início dos anos 1960, a Ribeira – bairro onde se situa a Av. Duque de Caxias – viveu sua idade de ouro, em termos de progresso material. (SOUZA, 2008).

Associação Comercial (1944), Edifício do Banco do Povo (1944), Agência da Caixa Econômica Federal (1951), Delegacia Fiscal do Ministério da Fazenda (1955), Agência do Banco do Brasil (1958), entre outros.

CARACTERIZAÇÃO GERAL – O edifício em estudo, originalmente conhecido como do IPASE, se situa na Esplanada Silva Jardim, bairro da Ribeira – limítrofe com o bairro das Rocas -, na cidade do Natal/RN, hoje sendo conhecido como Edifício Presidente Café Filho. Foi projetado pelo arquiteto carioca Raphael Galvão Júnior, precocemente falecido, co-autor do projeto do Ginásio Municipal do Maracanãzinho (1953/4). Sua inauguração deu-se em 1955, pelo então presidente da República, o potiguar João Café Filho. O premiado arquiteto Raphael Galvão, também carioca, era seu pai – um dos autores do projeto do estádio do Maracanã (1950), além de vários projetos de cinema, no Rio de Janeiro. Pouca ou quase nenhuma informação foi encontrada sobre Raphael Galvão Júnior, sua formação, seus projetos. No momento, a dificuldade de acesso a possíveis fontes ainda revela uma grande incógnita sobre o arquiteto.

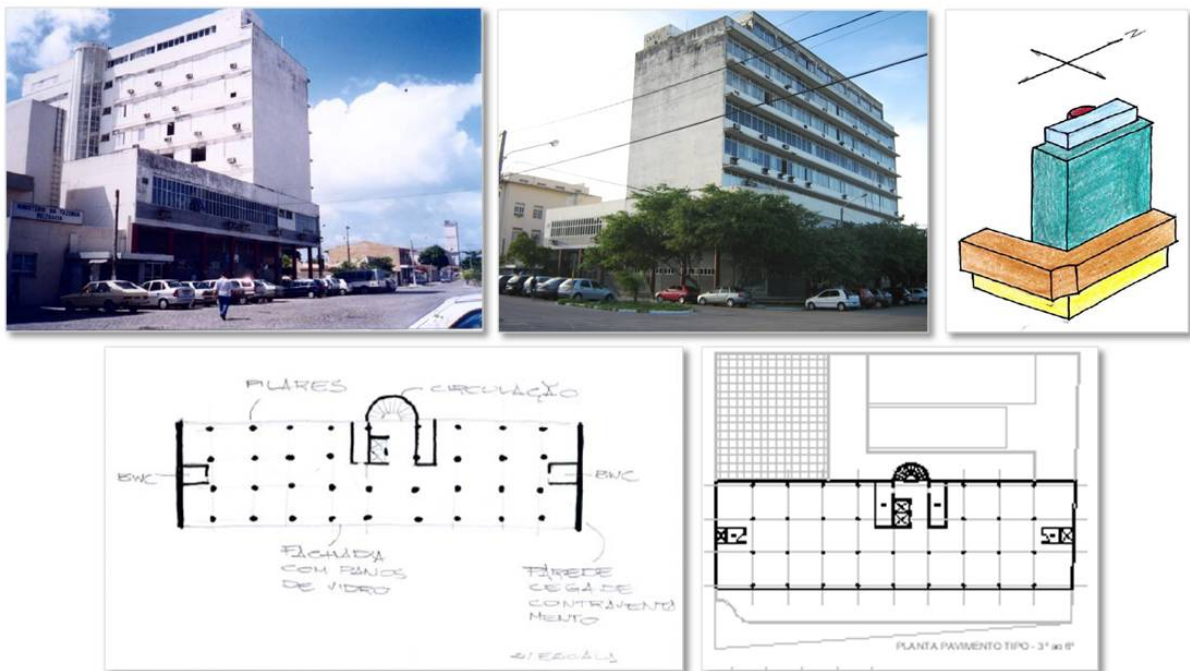


FIGURA 03. EDIFÍCIO SEDE DO IPASE EM NATAL Fonte: DANTAS, 1999

O edifício é concebido segundo os princípios da Escola Carioca reunindo elementos de arquitetura e de composição como os pilares de seção circular, além dos elementos corbusierianos de composição, retirados da geometria. Estão presentes o *pilotis*, o uso maciço do concreto armado – moldado às necessidades funcionais, o plano livre, as janelas em fita e a independência estrutural. O teto-jardim não é proposto, na versão original. Semelhantemente à *Unité d'Habitation de Marseille*, apenas um terraço, um mirante.

O primeiro sítio pensado para a construção do edifício do IPASE foi a Praça Augusto Severo. Entretanto, as prospecções realizadas revelaram um solo inadequado, sendo preferível transferi-lo para as proximidades da Esplanada Silva Jardim, onde já se encontravam o Escritório da Estação Central da Companhia de Trens da cidade e algumas oficinas. Como vimos, um dos pontos de atração do bairro, em função da localização da estação ferroviária. O Edifício localiza-se na esquina da Rua Almino Afonso e Esplanada Silva Jardim, no bairro da Ribeira, instalado em um lote de aproximadamente 1400m². Orçado originalmente em quarenta milhões de cruzeiros, o projeto original ocupava 65% dessa área; o térreo e primeiro andar 852,25m², enquanto que no pavimento-tipo a área de planta se reduz para 562,67m². O desenvolvimento em altura apresenta oito pavimentos, dos quais reservou-se o térreo e primeiro pavimento para atendimento do público. Os demais, reservados para a instituição.

Foi decisivo para sua realização e construção o incentivo do então Presidente do Brasil, o norte-rio-grandense João Café Filho, que esteve presente na inauguração do que foi chamado, à época, o mais moderno edifício da cidade – também o primeiro em altura. Segundo um periódico local: “suntuoso edifício que, pela pureza de suas linhas modeladas em arte moderna, vem titular a nossa cidade no nível de progresso a que ela está fadada.” (Jornal de Natal, 11/05/1955)

Funcionavam no edifício, a princípio, além das dependências do IPASE, uma delegacia do Ministério do Trabalho e um grupo de lojas situados na galeria formada pelo pilotis do pavimento térreo. Acresce-se às inovações trazidas com a construção do edifício, o caráter monumental da edificação – pela perfeição e suas linhas arquitetônicas e pelo caprichoso acabamento⁷ – que o transformou em marco visual da área, uma vez que boa parte dos prédios das proximidades não ultrapassava os três pavimentos.

⁷ Jornal de Natal, 13/03/1956.



FIGURA 04. EDIFÍCIO DO IPASE EM NATAL – DETALHES DE FACHADA Fonte: arquivo dos autores, 2009.

Uma observação minuciosa da tipologia adotada pela edificação, nos remete a um período da arquitetura moderna assim caracterizada: são resgatados os velhos combogós, as treliças e os azulejos de revestimento, para uso juntamente com os princípios defendidos por Le Corbusier – *pilotis*; teto-jardim; autonomia das paredes, em relação à estrutura, e janelas-cortina. Sem esquecer os *brises-soleil*. Lúcio Costa percebia a consolidação e codificação definitiva dos postulados da doutrina da Arquitetura Moderna. Ficher e Acayaba resumem a iniciativa, acrescentando:

“[...] os arquitetos brasileiros davam preferência às formas geométricas claramente definidas, à separação entre estrutura e vedação, permitindo maior liberdade no agenciamento interno dos edifícios, ao uso sistemático do pilotis, aos panos de vidro contínuos, ao invés das janelas tradicionais, e à integração da arquitetura com o entorno pelo paisagismo e com as outras artes plásticas pelo emprego de murais, painéis de azulejo decorado e escultura em substituição à decoração aplicada”. (FICHER E ACAYABA, 1982)

A solução adotada no projeto do edifício do IPASE se caracteriza pelo dinamismo obtido com o contraste entre o bloco principal, predominantemente vertical, e o bloco secundário - que o

intercepta -, horizontal. Vale ainda destacar o fato de que o grande volume vertical é coroado por um volume prismático menor (com altura de um pavimento e recuo nas faces Leste, Norte e Sul), enfatizando o dinamismo resultante de diversos volumes justapostos. O edifício possui uma curvatura suave na quina do volume horizontal, contrastando, igualmente, com o perpendicularismo dominante em toda a estrutura. Outro elemento que ajuda nestas oposições corresponde ao pilotis definido por colunatas de pé-direito duplo, circulares (estas colunatas se repetem no interior de todo o edifício), acompanhando as fachadas voltadas para as ruas Almino Afonso e Esplanada Silva Jardim). Analisando essa questão, BRUAND (1991, p.89), descrevendo o edifício do MEC, afirma: “as altas e delgadas colunas do bloco principal (10m) evitavam a sensação de esmagamento que certamente ocorreria caso o pilotis mantivesse a altura inicial proposta (3 a 4m)”. Esta mesma sensação pode ser percebida no edifício do IPASE uma vez que as colunas do passeio aberto, ao apresentarem um pé direito duplo (atingindo os 5m) se confrontam com a massa dos volumes do edifício, gerando certo grau de *leveza*.

A proporcionalidade se dá com a interseção de dois grandes volumes principais que se interpenetram, compondo um resultado dinâmico ao criar diferentes recuos e avanços entre os prismas, além igualmente de tomar partido da pequena esplanada formada pelo pilotis. O grande volume principal, verticalizado (constante de oito pavimentos), encontra-se implantado ao longo de toda a testada do lote voltada para a Rua Almino Afonso, sendo deslocada do eixo central do terreno (excêntrico). Neste caso, o partido adotado não aplicou a completa liberdade espacial do solo, tendo em vista o lote ocupado não corresponder a um quarteirão completo. Havia, também, a necessidade de controlar o acesso ao edifício. O segundo volume, predominantemente horizontal e avançando sobre o pilotis no sentido da calçada, proporciona a sensação de dinamismo em razão da disposição e saliência. Este elemento se estende por todas as extremidades do lote, compondo um volume em L; ao mesmo tempo, definindo o primeiro pavimento do volume vertical.

No volume principal, voltadas para a fachada da Rua Almino Afonso (Leste), foram construídas marquises que funcionam como elementos de proteção horizontal e elemento demarcatório de pavimentos. Avançam 80cm do plano da fachada sobre todas as janelas, enquanto na fachada oposta (Oeste) observa-se a parede lisa, com panos de vidro, sem qualquer proteção do sol; um contra-senso se consideradas as características bioclimáticas da cidade. A solução é no mínimo estranha, considerando a necessidade de proteção da fachada voltada para o sol da tarde.

Quanto à inserção de obras de arte, o prédio do IPASE apresenta um painel em mosaico assinado pelos artistas locais consagrados Newton Navarro e Dorian Gray Caldas, representando aspectos do imaginário da cultura popular. O painel mede “[...] 2,25cm de altura, por 1,90cm de largura abrangendo, aproximadamente, dois terços da parede destinada àquele mister, representando um símbolo do IPASE, na colheita dos benefícios que prodigaliza, ao mesmo tempo, temas regionais

da cidade, focalizados em magnífico colorido” (Jornal de Natal, 13/03/1956). A cor do revestimento do pilotis corresponde à mesma que emoldura o painel.

A adoção do partido vertical na edificação respondeu à exigência do número de pavimentos, tornando-se um marco referencial, seja pela altura ou dimensões. Para antigos moradores e funcionários, as referências à uma construção “forte”, impactante e visível de vários pontos da cidade são variadas. O porte impressionava, a quantidade de materiais aplicados impressionava, as formas audaciosas e inovadoras igualmente assim o faziam.

No que se refere à disposição das plantas no pavimento tipo, é nítida a adoção do partido retangular, priorizando uma das direções (Norte-Sul). No Edifício Presidente Café Filho observa-se paredes laterais de contraventamento com treze metros (13m) de comprimento e dez linhas de pilares distanciadas 4,20m entre si (sendo 4,50m a distância para as paredes laterais). O espaço interno apresenta-se sob a forma de plano livre, marcado apenas pelas colunas – independência estrutural –, recuadas em relação à fachada, possibilitando, ao mesmo tempo, ventilação cruzada e iluminação natural abundante.



FIGURA 05. EDIFÍCIO DO IPASE EM NATAL – DETALHES Fonte: arquivo dos autores, 2009

As escadas e os elevadores encontram-se no eixo transversal central, deslocados para a extremidade da fachada Oeste. O volume das escadas compreende um semicírculo que saca do volume principal, criando mais um efeito dinâmico na fachada voltada para o poente, com o seu revestimento completo por panos de vidro, iluminando profusamente o hall dos elevadores e a escada. Os elevadores se encontram próximos às escadas – no núcleo de circulação. Os banheiros estão dispostos em dois lances, sendo um central, junto aos acessos e às circulações, e outros dois excêntricos, contíguos a cada uma das paredes de contraventamento (fachadas Norte e Sul). Assim, o edifício apresenta uma região central por onde se definiu o corredor de acesso através do uso das divisórias a meia altura, facilitando assim a ventilação cruzada.

Um último ponto válido a ser considerado refere-se à hierarquia estabelecida para cada uma das edificações. No Edifício Presidente Café Filho, ainda hoje a questão hierárquica se mantém como no período em que foi construído. O grande volume horizontal (primeiro pavimento) é aquele voltado para o maior fluxo do público, abrigando os setores de atendimento imediato (com um segundo acesso voltado para a Esplanada Silva Jardim, que conduz diretamente para o atendimento do primeiro andar, atualmente desativado). O grande volume vertical, por sua vez, ocioso em sua maior parte, contém o setor de inteligência do INSS e alguns arquivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A originalidade da edificação em estudo tem sido alterada através de várias reformas. As plantas consultadas demonstram intervenções realizadas, pelo menos, nos anos de 1980, 1985, 1990 e 1992; hoje, mais uma reforma está sendo aguardada. A cidade perde, diariamente, parte de seu patrimônio arquitetônico para a especulação imobiliária. O bairro da Ribeira, em função do deslocamento do centro da cidade para a Cidade Alta, nos anos 1960, começou seu período de decadência, embora o poder público tenha tentado reverter a situação. Entre outras tentativas, foi construído um terminal rodoviário em 1963, com sucesso apenas transitório.

A partir de 1993 vem sendo realizados estudos para revitalização do bairro, apresentando êxito pontual, como a revitalização de alguns edifícios de habitação e outras formas de ocupação de imóveis antigos. Em termos da configuração espacial urbana, foram realizadas diversas intervenções. A Praça Augusto Severo, outrora o principal ponto de encontro e referência para a cidade, apresenta configuração atual resultante de uma reforma realizada em 2007. Nesse momento pretendeu-se recuperar sua expressão morfológica anterior a 1938, ano em que foi desmembrada em duas partes. Visando resgatar a superfície da praça original desviou-se o fluxo de automóveis para o seu perímetro e a área recuperada ao trânsito passou a compor uma grande esplanada, para a qual foi proposta apenas tratamento do piso e nova iluminação. Não sendo proposta qualquer vegetação para este espaço, o resultado se constitui numa Praça Seca,

alheia aos rigores do clima local e totalmente estranha à proposta original, desenvolvida pelo arquiteto mineiro Herculano Ramos, em 1905.

Assim, hoje assistimos atônitos a total descaracterização do bairro e o avanço da verticalização sobre a área. Pouco a pouco, estão subindo espigões no seu entorno imediato, que ameaçam absorver o espaço e apagar toda a história do primeiro centro da cidade, numa onda que se desloca em direção ao rio e ao mar. Infelizmente, a Ribeira tem sido lembrada apenas por seu caráter boêmio, pelas serestas, pelas farras, pelo comércio e pelas noitadas regadas a álcool, suor e sexo; muito pouco pelo patrimônio arquitetônico, rico expressivo e variado.

O edifício do IPASE, a segunda experiência da arquitetura moderna em Natal, reclama sua inserção entre os mais representativos edifícios da modernidade potiguar. Suas características e importância para a história da arquitetura moderna, do Rio Grande do Norte, o recomendam para restauro, preservando a memória da arquitetura – e mesmo da cidade – enquanto produto cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Mário. **O turista aprendiz**. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

ARAÚJO, Luciano M. de. **Visões da cidade: da cidade histórica aos bairros da cidade alta e ribeira em Natal/RN**. (2003). Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, RN, 2003.

ARTE EM REVISTA. Ano 2, nº 4. São Paulo: Kairós, 1980.

BORGES, Jennifer dos Santos. **A governança local nas reestruturações de áreas portuárias**. UFPE – MDU - Dissertação - 2006.

BRUAND, Yves. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História da cidade do Natal**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL; Natal: UFRN, 1980.

COSTA, Lucio. **Muita Construção, Alguma Arquitetura e um milagre (1951)**. In COSTA, Lúcio. **Sobre Arquitetura**. Porto Alegre, Centro dos Estudantes Universitários de Arquitetura, 1962.

COSTA, Lúcio. **Lúcio costa: registro de uma vivência**. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.

DANTAS, Ana Caroline de C. Lopes. **sanitarismo e planejamento urbano: A trajetória das propostas urbanísticas para Natal entre 1935 e 1969**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal: RN, 2003.

DANTAS, George Alexandre Ferreira. **Natal, “caes da Europa”**: o plano geral de sistematização no contexto de modernização da cidade (1929-1930). Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1998. (Trabalho Final de Graduação).

FEITOSA, Polycarpo. **Vida Potiguar**. Natal: Sebo Vermelho Edições, s.d.

FERREIRA, Angela Lúcia de Araújo; EDUARDO, Anna Rachel Baracho et DANTAS, Kleyne Rondelly de Souza. **Edifício Sede da Comissão de Saneamento: O Precursor da Arquitetura Moderna em Natal**. In: Congresso Brasileiro de Arquitetos, 2000, Cuiabá. **Anais...** Cuiabá: IAB, (2000a). não paginado.

FERREIRA, Angela Lúcia A., EDUARDO, Anna Rachel B., DANTAS, Ana Caroline de C. L., DANTAS, George Alexandre F. **A paisagem criada pelo saneamento: propostas**

- arquitetônicas para a Natal dos anos 1930.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ARQUITETOS, 19, 2003, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: IAB-RJ, 2003b. 1CD.
- FICHER, Sylvia; ACAYABA, Marlene M. **Arquitetura moderna brasileira.** São Paulo: Projeto Editores, 1982.
- LEMOS, Carlos. **Arquitetura brasileira.** São Paulo: Melhoramentos, 1979.
- MEDEIROS, Alberto, MEDEIROS, Maria Z. P. de, PINHEIRO, Maria I. **História do Rio Grande do Norte.** Natal: Tribuna do Norte: Fundação José Augusto, 1998, v. 11. p. 4.
- MEDEIROS, Valério A. S. de. **Quando os ares modernos chegam à esplanada: o IPASE e a Vila Ferroviária em Natal-RN.** In: IV SEMINÁRIO DOCOMOMO BRASIL. Viçosa & Cataguases: 2001.
- MIRANDA, João Maurício de. **380 anos de história fotográfica da cidade do natal 1599-1979.** Natal: EDUFRN: Prefeitura Municipal de Natal, 1981.
- NESI, Jeanne Fonseca Leite. **Natal monumental.** Natal: Fundação José Augusto, Associação Potiguar de Educação e Cultura, 1994.
- PEREIRA, Marizo V. **Análise da concepção arquitetural à luz da arquiteturaologia:** um estudo da produção de edifícios de uso não-residencial do arquiteto João Maurício Fernandes de Miranda, entre 1961 e 1981. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal: RN, 2008.
- SANTOS, Paulo. **Quatro séculos de arquitetura.** Rio de Janeiro: IAB, 1981.
- SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil.** São Paulo: Edusp, 1997.
- SOUZA, Itamar de. **Nova história de Natal.** 2 ed.rev.atual. Natal (RN): Departamento Estadual de Imprensa, 2008.
- VILANOVA ARTIGAS, João B. **Caminhos da arquitetura.** São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas Ltda, 1981.